

Intervenção na PM vira briga política

Lauro Aires e Sylvio Costa
Da equipe do **Correio**

A proposta de intervenção na Polícia Militar do Distrito Federal ganhou contornos políticos. O secretário de Comunicação, Luiz Gonzaga Motta, disse ontem, com todas as letras, que o ministro-interino de Justiça, Milton Seligman, está usando o episódio da invasão do Ministério do Planejamento por manifestantes do movimento *Grito da Terra* para se promover.

“Não vejo como interpretar este fato de maneira diferente”, disse Motta. “O Seligman é virtual candidato à sucessão de Cristovam, por isso fica querendo ganhar espaço na mídia”. Seligman é, realmente, um dos nomes cotados para concorrer ao governo pelo PSDB — junto com Maria de Lourdes Abadia —, caso o senador José Roberto Arruda decida não entrar na disputa.

“Ele está querendo se mostrar como o pai de uma idéia que não é dele”, acusou Motta. O secretário refere-se às propostas que o ministro apresentou à imprensa em en-

trevista coletiva, na quinta-feira: criar um batalhão específico para cuidar da segurança da esplanada dos ministérios e reativar o serviço de inteligência da Polícia Militar do Distrito Federal (a P2, extinta por Cristovam em setembro de 1996).

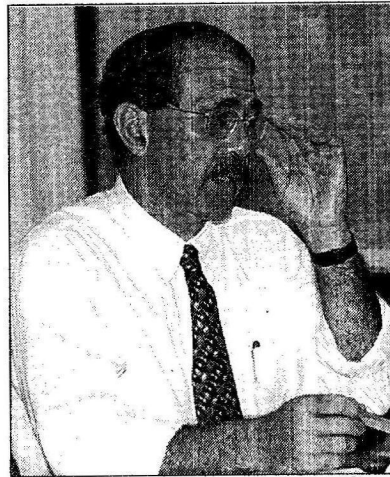
Motta apresentou ontem o ofício 775, de 29 de agosto de 1996, enviado pelo governador Cristovam Buarque ao presidente Fernando Henrique Cardoso. No ofício, Cristovam alertava Fernando Henrique sobre a necessidade de criar um batalhão especializado para prestar serviço na esplanada dos ministérios: o 10º BPM.

IRONIA

O projeto passou pelo ministério da Justiça e, ironicamente, está parado, desde o dia 11 de abril, na secretaria do Planejamento — mesmo edifício invadido pelos manifestantes. “Ao invés de tentar autoritariamente intervir na PM, o ministro deveria tomar conhecimento dos projetos que passam pelo seu ministério”, atacou Motta.

O secretário de Comunicação ga-

Adauto Cruz



Luiz Gonzaga Motta mostrou ofício que pedia criação de novo batalhão

rantiu que a proposta de reativar o serviço de informações da PM também partiu do próprio Cristovam, assim que soube da invasão da sala do ministro Antônio Kandir. Mas ressalta: “Quem falhou foi o serviço de informações da Polícia Federal, que não avisou à PM da possibilidade da invasão”.

O governador Cristovam Buarque, por sua vez, decidiu pedir ao

Ministério Público do Distrito Federal uma investigação sobre a atuação da Polícia Militar do DF durante a ocupação do Ministério do Planejamento. Convencido de que a sua PM não pode ser crucificada pela invasão do gabinete do ministro Antônio Kandir, o governador petista quer tirar o episódio a limpo.

Cristovam não quer acirrar a polêmica sobre o assunto. Tanto que tem evitado dar declarações a respeito da ameaça de “intervenção” na PM. Somente no final da tarde de quinta-feira, em entrevista à CBN, provocou: “Estranho é não terem falado em intervenção quando houve o massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, no Pará, ou quando, há duas semanas, invadiram o prédio do Incra em São Paulo (dois estados governados pelo PSDB).”

INTRIGAS

Procurado pelo **Correio**, Seligman desqualificou a acusação. “É uma bobagem tão grande que nem vou discutir isso”, disse. Segundo o ministro, não cabe a comparação com os incidentes no Pará e em São Pau-

lo, estados governados pelo PSDB. “Nos dois casos, a intervenção seria um ato de exceção”, comentou.

Seligman explica que o ele mesmo qualificou como “intervenção” será o simples cumprimento de algo previsto no parágrafo quarto, artigo 32, da Constituição Federal: a regulamentação da atuação das Polícias Civil e Militar do DF para que sejam contemplados os interesses da União, que paga os salários de todos os servidores da área de segurança da capital. “Queremos, por exemplo, criar um batalhão de policiamento na Esplanada dos Ministérios, o que só pode ser feito depois que for aprovado projeto de lei que enviaremos ao Congresso”, disse o ministro.

Cristovam nada tem contra o projeto de lei. Considerou-se, no entanto, “intrigado” por Seligman junto ao presidente Fernando Henrique Cardoso, com quem procura manter boas relações. Conforme o governador, a PM chegou no local da invasão cinco minutos depois de chamada e não pode ser criticada por ter se esforçado em desocupar pacificamente o prédio.